

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

A Petra das araras

texto LIANA JOHN e foto FÁBIO COLOMBINI



Petra é uma das sete novas maravilhas do mundo, assim eleita e reconhecida em julho de 2007. Também é Patrimônio da Humanidade desde dezembro de 1985. A antiga cidade, hoje em território da Jordânia, foi escavada nas paredes de um cânion, no imenso vale Wadi Aqaba, no Oriente Médio. Tornou-se passagem obrigatória das caravanas de especiarias a partir de 312 antes de Cristo e enriqueceu com o comércio, chegando a abrigar um teatro com capacidade para 4 mil espectadores, além de quilômetros de túneis e canalizações de água, num engenhoso sistema de abastecimento construído pelos nabateus. Um terremoto a arrasou parcialmente no ano 363, mas a cidade foi reconstruída. Outro terremoto a devastou em 551, deixando apenas as ruínas hoje visitadas por arqueólogos e turistas.

Chamam a atenção, em sua fachada, as imensas colunas, a precisão e a riqueza dos detalhes esculpidos, o excepcional planejamento do espaço roubado às rochas para ser transformado em casas, igrejas, monumentos e edifícios públicos.

Guardadas as devidas proporções entre a genialidade humana e o acaso natural, no sertão da Bahia há pare-

des de cânions cujas feições se assemelham a Petra. São os paredões escavados e ocupados pelas araras-azuis-de-lear (*Anodorhynchus leari*) na Estação Ecológica de Canudos. A área, de 130 hectares, foi comprada pela Fundação Biodiversitas, em 1993, com o objetivo de proteger os paredões usados como ninhos na fase de reprodução das araras. Em 2005, com novas aquisições de terras, o total protegido passou para 1.500 hectares.

De um belíssimo tom vermelho ressaltado pela luz do sol, ao amanhecer e ao entardecer, os paredões exibem colunas, voltas, reentrâncias e dobras de encantar escultores. Os detalhes enfeitam a entrada dos buracos cavados ou alargados pelo bico forte das araras no intuito de melhor acomodar os casais e seus ovos ou filhotes. O conjunto é preservado pelo clima semiárido, quente e seco, com 650 milímetros de chuvas ao ano, em média. Um clima que não impõe à nudez dos cânions nem a erosão de repetidas enxurradas, nem a cobertura de uma vegetação densa. Só para provar que também são belas as feições de relevo fora do padrão estético de um País fortemente tropical e florestal, como o nosso.